

# mercado

## Escândalos são ameaça à retomada, afirmam analistas e empresários

Avaliação é que reformas ficarão em xeque e haverá risco de fuga de capital se Bolsonaro não agir rápido contra crise

Daniele Madureira e Júlia Moura

BRASÍLIA E SÃO PAULO Empresários e investidores brasileiros começam a ficar consternados com a série de escândalos envolvendo a compra de vacinas pelo governo de Jair Bolsonaro (sem partido).

Para eles, se o presidente não agir rápido para dar uma resposta à crise, o cenário pode comprometer o andamento das reformas políticas no Congresso, aumentar o risco-país e levar a uma fuga de capital, especialmente em uma eventual abertura de processo de impeachment.

Nesta quarta-feira (30), parlamentares e entidades apresentaram na Câmara um “superpedido” de impeachment do presidente.

Em meio à maior crise sanitária já vivida pelo país, que levou à morte de 518 mil pessoas nos últimos 15 meses, o governo acumula três casos de suspeita de corrupção e irregularidades na compra de vacinas contra a Covid-19.

A mais recente foi revelada na noite de terça-feira (29) pela Folha: o então diretor de Logística do Ministério da Saúde, Roberto Ferreira Dias, teria pedido propina de US\$ 1 por dose para que a pasta fechasse contrato com a Davati Medical Supply, intermediária na negociação de 400 milhões de doses da AstraZeneca. Dias foi exonerado, na sequência da denúncia.

A reportagem, a CPI da Covid, a crise da Covaxin, a cepa delta do coronavírus, a conta de energia elétrica mais cara e a reforma tributária chegaram a empurrar o dólar de volta para o patamar de R\$ 5 nesta quarta (30), mas a moeda terminou a R\$ 4,9720, alta de 0,60%. Na máxima, foi a R\$ 5,0240. Desde o dia 22 de junho a moeda não era negociada acima de R\$ 5.

O maior peso para o dólar nesta quarta, porém, veio da formação da Ptax (taxa de câmbio calculada pelo BC com base na média do mercado) de fim de mês. O Ibovespa caiu 0,41%.

Um alto executivo ligado ao banco de investimentos BTG Pactual afirmou que está “decepcionado” com o governo e ainda “digerindo” o escândalo. Para ele, o risco-país — que indica o grau de instabilidade econômica de uma nação e o quanto um investidor estrangeiro corre risco, caso aporte recursos na economia local — pode piorar muito, tendo em vista que a imagem internacional do Brasil “já estava ruim”.

Na opinião do executivo — que destaca falar por si, e não pelo BTG —, se a situação de Bolsonaro piorar e o impeachment se tornar uma possibilidade, a fuga de capitais será inevitável.

Até o caso da Covaxin, quando Bolsonaro foi acusado de prevaricação ao não denunciar um suposto esquema de superfaturamento para compra da vacina indiana pelo Ministério da Saúde, o executivo acreditava que o assunto era “café aguado” perante a escândalos de governos anteriores, como os do mensalão, durante a gestão Lula, e a Operação Lava Jato, no governo Dilma Rousseff.

Mas a atual situação do governo é “triste”, diz ele, que mantém a aposta no ministro da Economia, Paulo Guedes. O “Posto Ipiranga”, aliás,

como diz Bolsonaro ao se referir a Guedes, e sua agenda de reformas e privatizações, é o último bastião do atual governo perante o mercado.

O ruído político em torno das denúncias, no entanto, pode contaminar as discussões que estão acontecendo no Congresso em torno da agenda econômica de Guedes, como a reforma do Imposto de Renda, avalia Pietra Guerra, analista da Clear Corretora, que deve custar “mais caro” politicamente para ser aprovada, segundo Dan Kawa, diretor da TAG Investimentos.

Victor Beyruti, economista da Guide Investimentos, concorda. “Enquanto as incertezas quanto à reforma tributária seguem tirando fôlego dos ativos locais, a nova acusação de corrupção contra o governo promete manter tensões elevadas em Brasília”.

“Corrupção existe em qualquer lugar, no Brasil, nos EUA ou na Europa”, diz João Cox, sócio da empresa de investimentos e consultoria Cox Investments & Advisory. “A questão é como o governo reage às denúncias. Se ele tem uma agenda anticorrupção, precisa executá-la”, afirma.

Para Cox, se Bolsonaro “se faz de surdo” perante as denúncias, a pressão no Congresso aumenta, abrindo uma disputa na discussão das reformas, que correm risco de não saírem do papel.

“O Brasil precisa demais das reformas, estamos ficando para trás na economia mundial”, diz. Enquanto os EUA crescem e geram empregos, aqui a taxa de desemprego bate recorde e chega a quase 15%, diz Cox, que é presidente do conselho de administração da Vivara e também participa do conselho da Braskem, Petrobras, Embraer e Linx. Ele destaca que suas opiniões são próprias e não refletem uma posição das empresas sobre o assunto.

Para um acionista minoritário do grupo BRF, o aumento da crise política pode atrapalhar o andamento das reformas, das privatizações e a retomada do crescimento econômico. Segundo ele, o dó-

lar em trajetória de queda e a aprovação da privatização da Eletrobras haviam dado um novo ânimo ao mercado.

Mas os escândalos recentes abrem uma preocupação quanto à desorganização da base governista, diz, salientando que instabilidade política leva ao aumento do risco.

Esse empresário considera que o Brasil ainda precisa encontrar a sua terceira via para a alternância de poder entre Lula e Bolsonaro. Segundo ele, a rejeição a ambos é “gigante” entre muitos empresários, mas ninguém gostaria de ver um novo impeachment neste momento, pois isso afugentaria o capital.

Horácio Lafer Piva, acionista e membro do conselho da Klabin, afirma que o governo se atrapalha mais a cada dia. “Dessa maneira, inviabiliza ainda mais a retomada sustentada do Brasil. São tão poucos criando tantos prejuízos e de naturezas tão diversas”, afirma.

Na opinião de Piva, só o tema Covaxin já tem enorme dimensão e é assunto para CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito). “Mas ainda está muito enevoado por personagens complexos”.

Para Luiz Barsi, o maior investidor pessoa física do Brasil, os escândalos só abalam ainda mais a confiança do empresário no governo, mas ressalta que as investigações ainda estão em andamento.

“Enquanto isso, o governo tem uma intenção forte de produzir reformas significativas para o país e nós precisamos delas”, diz ele, que traz na sua carteira estatais como Banco do Brasil e Eletrobras. “Mas eu não sei até que ponto a Câmara e o Congresso estão dispostos a aprovar todas essas mudanças”.

Presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo (Corecon-SP), Barsi defende a necessidade de reformas para o país ganhar competitividade em nível global. “Temos uma estrutura de custos, de tributos, acima do desejado. Na questão trabalhista, os benefícios também estão acima da média. As questões estruturais têm importância urgente”.

Na avaliação da especialista no mercado de capitais Louise Barsi, filha de Luiz, a credibilidade de Bolsonaro já vem se deteriorando, especialmente em razão da crise sanitária. “Mas até agora isso teve pouca relação com o andamento das reformas”, diz ela, que comanda a empresa de educação digital AGE, voltada à formação de investidores.

Ela segue na expectativa que as articulações para as reformas continuem, a partir do empenho do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). “Os investidores veem política como um ruído”, diz ela. “A curto prazo, pode ser que isso gere algum rebuliço, mas a médio e longo prazo, a Bolsa vai sempre precificar o que mexer com o resultado das empresas e as expectativas dos investidores”.

“O mercado está sendo impactado pela reforma tributária e pela CPI da Covid, que traz informações bombásticas do governo federal. Apesar de a Bolsa não olhar muito para isso, deixa o ambiente mais pesado”, diz Rodrigo Friedrich, diretor de renda variável da Renova Invest.

Colaborou Leonardo Vieceli, do Rio de Janeiro



### DONA DA 99 ESTREIA NA BOLSA DOS EUA COM ALTA DE 1%

Operador na Bolsa de NY, onde as ações da chinesa Didi passaram a ser negociadas e chegaram a subir 19% nesta quarta (30) antes de perder fôlego; IPO levantou US\$ 4,4 bi

Brendan McDermid/Reuters

## Bitcoin fecha o 1º semestre com alta de 19,7% e é único ativo a superar o IGP-M

SÃO PAULO O bitcoin foi o ativo que mais se valorizou no primeiro semestre, de acordo com o buscador de investimentos Yubb, que considera as aplicações mais populares entre brasileiros.

A criptomoeda acumulou alta de 19,65% no período e foi o único ativo do levantamento a superar o IGP-M (Índice Geral de Preços ao Mercado, usado no reajuste dos aluguéis), que sobe 15,08% neste ano.

A disparada de 103% do bit-

coin nos três primeiros meses do ano, com a entrada de investidores institucionais, superou a queda de 41,3% no segundo trimestre, com diversas pressões regulatórias sobre o setor.

“No primeiro trimestre, o bitcoin vinha de uma alta que havia se iniciado no ano de 2020 e foi quebrando máximas históricas em sequência até atingir o seu pico, na casa dos US\$ 63 mil”, afirma Vinicius Chagas, analista da

Blockchain Academy.

No segundo trimestre, porém, as discussões a respeito do consumo energético de mineração do bitcoin, com destaque para o fim do uso da moeda pela Tesla, e a pressão chinesa em cima dos mineradores e dos reguladores de mercado levaram à desvalorização do ativo.

O Ibovespa, por sua vez, é um dos investimentos com a maior rentabilidade no semestre (6,5%) e em junho (0,46%), na quarta alta mensal seguida do índice. “Estamos encerrando o semestre de um jeito bem melhor do que começamos”, diz João Leal, economista da Rio Bravo.

A recuperação da queda de 7,5% do índice nos dois primeiros meses do ano foi impulsionada por dados econômicos melhores do que o esperado, como o PIB do primeiro trimestre, que subiu 1,2%, e pelo avanço da vacinação contra o coronavírus.

No início do mês, o Ibovespa estabeleceu um novo recorde, aos 130.776 pontos. Já o dólar terminou esta quarta (30) cotado a R\$ 4,9720, alta de 0,60% no pregão. Na máxima, foi a R\$ 5,0240. Desde o dia 22 a moeda não era negociada acima de R\$ 5.

Em junho, a moeda cedeu 4,8%, rompendo a barreira psicológica dos R\$ 5 pela primeira vez em pouco mais de um ano. Foi o terceiro mês seguido de queda da divisa dos EUA ante o real, que, no semestre, cedeu 4,18%.

A desvalorização foi fruto do ciclo de alta de juros no Brasil. A Selic, que estava a 2% no início do ano, foi para 4,25% e o mercado vê a taxa a 6,5% ao fim do ano.

Juros mais altos no Brasil tendem a beneficiar o real por estratégias de carry trade. Elas consistem na tomada de empréstimos em moeda de país de juro baixo (como o dólar) e compra de contratos futuros da divisa de juro maior (como o real). O investidor, assim, ganha com a diferença de taxas.

Na Bolsa, há uma entrada líquida de R\$ 65 bilhões de investimento estrangeiro este ano, segundo dados da B3 até a segunda (28), o que impulsionou a alta da Bolsa e a queda do dólar.

Nos EUA, o S&P 500 subiu 14,4% no primeiro semestre, com cinco meses consecutivos em alta, enquanto o Dow quebrou uma sequência de quatro meses de ganhos e terminou junho em baixa de 0,08%, com ganho de 12,7% no semestre. O Nasdaq também ganhou terreno em junho, subindo 5,5% e no semestre, 12,5%.

Todos os três índices registraram o quinto trimestre consecutivo de ganhos, com o S&P subindo 8,2%, o Nasdaq avançando 9,5% e o Dow cravando alta de 4,6%.

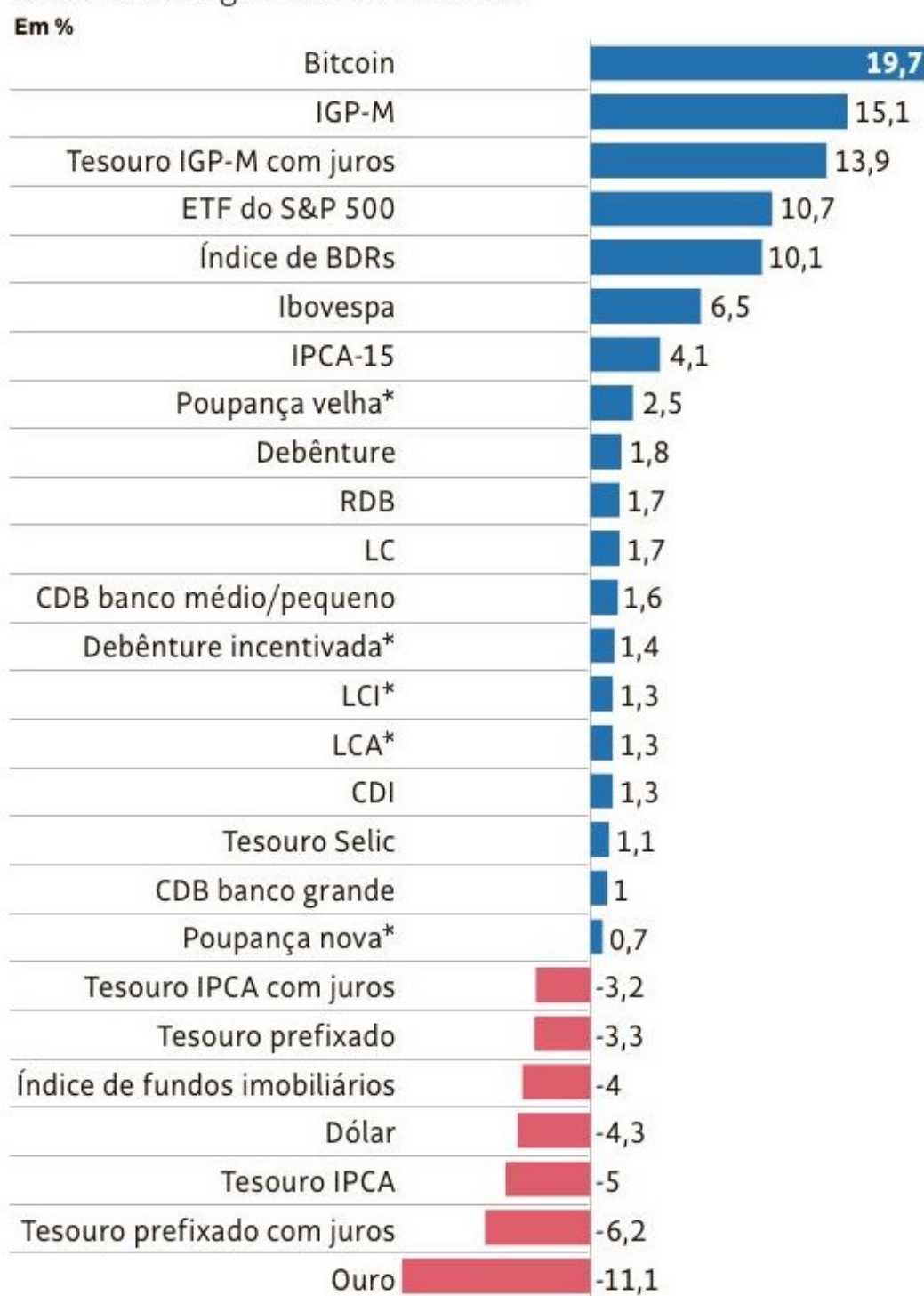
Júlia Moura

Com Reuters

### Investimentos tradicionais ficam abaixo da inflação em junho



### Bitcoin lidera ganhos no semestre



\*Investimentos isentos de Imposto de Renda Fontes: Bloomberg, CMA e Yubb

“Corrupção existe em qualquer lugar, no Brasil, nos EUA ou na Europa. A questão é como o governo reage às denúncias. Se ele tem uma agenda anticorrupção, precisa executá-la”

João Cox  
sócio da empresa de investimentos e consultoria Cox Investments & Advisory